



## Representações sociais do racismo na esfera pública: um estudo de caso

Social representations of racism in the public sphere: a case study

Alexandre da Silva de Paula <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Câmpus Votuporanga

### RESUMO

Esta pesquisa discorre sobre um caso polêmico de racismo no futebol profissional. Recorre à Teoria das Representações Sociais constituídas no senso comum, fornecendo sentidos e significados sobre a realidade e os fatos cotidianos. O material empírico foi coletado em um blog especializado na crônica esportiva, articulado por um jornalista experiente na área. O blog tinha alcance nacional, com engajamento nas redes sociais e relevância significativa na imprensa. Após a leitura exaustiva desse material, em forma de comentários fixados na matéria, foi utilizada a técnica denominada Análise de Conteúdo para organização e síntese das falas. O material coletado foi selecionado tendo em vista a saturação dos dados e o alcance dos objetivos. Os resultados indicam o quanto o racismo persiste como atitude difícil de ser combatida na cultura brasileira, principalmente em ambientes de disputa acirrada, como no futebol. A maioria dos comentários postados no blog investigado reforça argumentos que atenuam o racismo, justificam a postura dos torcedores e questionam as queixas do atleta ofendido com as agressões verbais.

**Palavras-chave:** racismo; injúria racial; preconceito; relações raciais; representações sociais.

### ABSTRACT

This research examines a controversial case of racism in professional soccer. It draws on the Theory of Social Representations established in common sense, providing meanings and significance about reality and everyday events. The empirical material was collected from a blog specializing in sports reporting, organized by an experienced journalist in the field. The blog had national reach, with engagement on social media and significant press coverage. After exhaustively reading this material, in the form of comments pinned to the article, a technique called Content Analysis was used to organize and summarize the statements. The collected material was selected based on data saturation and achievement of the objectives. The results indicate the extent to which racism persists as a difficult attitude to combat in Brazilian culture, especially in environments of fierce competition, such as soccer. Most of the comments posted on the blog under investigation reinforce arguments that mitigate racism, justify the fans' stance, and question the complaints of the athlete offended by the verbal attacks.

**Keywords:** racism; racial slur; prejudice; race relations; social representations.

## 1. Introdução

Desde o período colonial, a discriminação e o preconceito racial estiveram presentes nas relações interpessoais deste país, marcando assimetrias nos espaços de poder e na socialização de homens e mulheres (Góes & Florentino, 2008). Os negros, alvo de ofensas racistas, conviviam com humilhações públicas, como parte da cultura discriminatória e de tradição escravocrata. “O racismo é um fenômeno estratégico das relações de dominação e opressão, sendo mais governado por motivações frias, do que por emoções quentes e irrefletidas” (Lima, 2019, p. 160).

Cabe ressaltar que, durante a escravidão, poucas crianças negras chegavam à idade adulta e aquelas que escapavam da morte, já não possuíam nem pai nem mãe (Góes &

Florentino, 2008). Carvalho *et al.* (2016, p. 48) chamam atenção que o “preconceito e o racismo no Brasil estão enraizados não de forma sutil e camuflada nas instituições sociais, mas sim, de forma objetiva e visível na vida de negros”. Para os autores citados, distante da chamada democracia racial, é notória a cultura racista impregnada na sociedade e suas instituições, tendo como alvo mais incidente as mulheres negras.

No século XIX, na Europa ocidental, as mulheres negras e as prostitutas eram representadas “como as principais portadoras da doença. As mulheres negras, em especial, eram representadas por comportamentos sexuais exóticos [...] se dizia que copulavam com macacos, como uma maneira de igualá-las a eles em um universo animal” (Joffe, 1989, p. 111).

Na sociedade contemporânea prevalece a reprodução de um modelo eurocêntrico de estética, corpo e beleza. Há uma tendência para o ideal de branquitude, fenômeno amplamente reforçado nos meios de comunicação de massa. Esse fato atinge os processos de identificação e formação da identidade do negro, desde a infância. Neste sentido, é notório que “o racismo no Brasil se manifesta, entre outros aspectos, pelo branqueamento dos indivíduos que fazem sucesso e o enegrecimento ou empardecimento dos que fracassam” (Lima & Vala, 2004, p. 13).

[...] as crianças negras vivem diversas experiências que as levam a constituir uma autoimagem negativa [...] há um tratamento diferenciado em relação às crianças negras e brancas, baseado em uma linguagem não-verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial (Oliveira & Abramowicz, 2010, p. 212).

A afirmação da identidade negra passa, portanto, por situações de sofrimento, depreciação ou submissão diante do padrão eurocêntrico de branquitude, em um sistema que funciona por determinantes que disseminam atitudes como o preconceito e o racismo institucionalizado.

[...] no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima, destruída pela ideologia racista (Munanga, 2014, p. 10).

De fato, é no corpo de um sujeito “que se inscrevem as marcas da diferença geradoras do preconceito; é ao corpo de alguém que você reage; a reação, o é em relação à diferença que esse corpo representa” (Bandeira & Batista, 2002, p. 133). A noção de si mesmo e o estar no mundo, quando se trata do corpo negro, estão associadas a experiências que podem limitar a capacidade de superação e resiliência perante as adversidades.

Diferentemente da Europa, onde os grupos vítimas de racismo (imigrantes) são percebidos como exógenos àquela formação cultural, no Brasil brancos e negros são todos brasileiros, ainda que não tenham direito igual à cidadania. De modo que, o racismo “à brasileira” possui especificidades. Graças ao notável caleidoscópio de cores que compõem a sociedade brasileira, desenvolve-se uma forma de representação que associa o fracasso à cor negra e o sucesso à cor branca, e que pode mudar subjetivamente a cor de um indivíduo, a fim de manter intactas as crenças coletivas (Lima & Vala, 2004, p. 18).

Os alvos de crimes racistas, em grande parte, não denunciam esses acontecimentos, o que contribui para afirmações equivocadas sobre a igualdade racial e a ausência de conflitos devido à cor da pele (Paula *et al.*, 2018). Lidar com a situação rompendo com o silêncio e a angústia, significa assumir o risco de ser acusado de pessoa que se coloca na posição de vítima, coitado ou impotente.

Sobretudo, segundo Lima (2019, p. 162), o racismo não se trata de um tipo qualquer de ideologia, mas de uma falsa consciência ou “uma versão parcial e deturpada dos fatos e da realidade para atender certos interesses. Um tipo de ideologia voltada para a legitimação, racionalização e justificação das desigualdades.”

Joffe (1989) alerta que, em momentos de crise e risco social, as representações sobre o outro são intensificadas em suas dimensões pejorativas, sendo frequentemente associados a bodes expiatórios. Para a autora citada, a sociedade controla o medo através da degradação do outro. “Se grupos humanos podem ser entendidos como formas inferiores de vida, então o respeito exigido pela cultura ocidental em relação aos humanos pode ser negligenciado” (Joffe, 1989, p. 111).

Diante dessa alteridade corrompida pela desumanização, mesmo com embasamento na lei que resguarda a ação de denúncia aos crimes, as atitudes de defesa das vítimas ainda precisam de suporte e encorajamento. São recorrentes as situações que podem atingir e prejudicar a autoestima das minorias sociais, muitas vezes, impedindo o enfrentamento consciente às ofensivas racistas. “É nos meandros das relações de poder, entre o discurso hegemônico que assegura o ideal de branqueamento e as formas alternativas de expressão corporal e intelectual, que vislumbramos possíveis rupturas” (Paula *et al.*, 2018, p. 84).

Sendo assim, esta pesquisa apresenta uma abordagem crítica em Psicologia Social sobre um caso de racismo, classificado no trâmite jurídico como injúria racial na prática esportiva do futebol brasileiro. As informações sobre o acontecimento foram coletadas a partir da manifestação escrita de internautas que comentaram o fato, o qual envolveu dois clubes de tradição e história no futebol profissional brasileiro.

O Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) define a prática criminosa do racismo como: “Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência” (Brasil, 2010).

Neste estudo, indagam-se os motivos da proporção e ampla repercussão de um caso de racismo na mídia esportiva, onde houve um número exorbitante de manifestações escritas por parte de torcedores ou público em geral, sejam contrários ou de apoio ao posicionamento do atleta, que foi hostilizado pela torcida rival. A repercussão do caso foi de extrema relevância, renovou o debate sobre a função social dos atletas e dos clubes de alto investimento, em uma sociedade em conflito e intolerância com a diferença.

Esse episódio motivou a realização deste estudo, tendo como questão norteadora o quanto o futebol brasileiro traz em seu cotidiano situações em que a rivalidade toma proporções que ultrapassam a competência dos atletas, partindo para ataques pessoais, justificados como reações normais do ambiente da disputa e assimilação da derrota. Quando a competição deixa de ser travada nos parâmetros e regras do jogo, dando margem para a manifestação coletiva de xingamentos racistas, se faz necessário e prudente a reflexão sobre responsabilidades, punição e justiça.

Enfim, o artigo contempla as distintas opiniões sobre o evento, categorizadas qualitativamente na apresentação dos resultados. Teoricamente, compreende-se que as representações sociais são constituídas no espaço público, por mecanismos de ancoragem e objetivação, de tal forma que ocorrem significações sobre o mundo e a realidade consensual. Nesse caso, a investigação tem como objeto um estudo de caso com ampla

repercussão no meio esportivo, sendo, portanto, um problema privilegiado para análise das representações sociais.

## 2. Método

As investigações em Representações Sociais têm como fundamento a noção de que os saberes tácitos sobre a vida pública consistem num caminho para a compreensão da cidadania, especialmente para entender a identidade de um povo. “Ou seja, este é um estudo de Psicologia Social, que busca entender a forma como os saberes leigos do cotidiano dão sentido e configuram uma trama simbólica sobre os espaços públicos” (Jovchelovitch, 2000, p. 16). O material empírico das falas coletadas, fundamenta os núcleos de sentido e significação elencados nas categorias temáticas.

Nesse enfoque, a subjetividade do pesquisador ganha relevância, a partir do questionamento da neutralidade científica na pesquisa social. Para a organização dos dados, foi adotada a técnica denominada Análise de Conteúdo. Essa técnica tem como pressuposto a busca por regularidades e singularidades que contemplam os objetivos da pesquisa. Cabe ressaltar que, segundo Sawaia (2001), essa perspectiva em Psicologia Social supera o uso moralizador e normatizador de conceitos científicos que culpabilizam os indivíduos por sua condição social.

### 2.1 Contexto da pesquisa

O fato elencado neste estudo ocorreu durante a Copa do Brasil em 2014. Trata-se de um acontecimento histórico para o movimento negro, defesa de direitos e cidadania, uma vez que os desdobramentos envolveram o Ministério Público e a abertura de inquérito na justiça comum. O atleta envolvido era um goleiro negro que foi hostilizado pela torcida rival durante a partida, recebendo vários xingamentos racistas, além de objetos que foram jogados em sua direção.

Ao final da partida, após vários xingamentos, ele foi para a delegacia de polícia e fez um boletim de ocorrência. Muitas imagens foram divulgadas ao vivo, sendo reproduzidas e repetidas no noticiário nacional. Houve uma série de entrevistas sobre o fato, tanto por atletas, quanto por dirigentes de ambos os clubes, com as mais diversas opiniões. O fato foi amplamente debatido no meio esportivo em veículos de grande circulação, sendo tema de reportagens especiais.

O incidente entre torcida e jogador ocorreu na cidade de Porto Alegre, num estádio de grande porte. A disputa estava sendo transmitida em rede aberta, com audiência em destaque. Mesmo após o incidente, havia muita controvérsia e opiniões em confronto com a postura do atleta. Ele recebeu apoio jurídico, mas era muito questionado pela opinião pública. O desgaste repercutiu em seu rendimento, o atleta teve consequências importantes para dar sequência na carreira profissional.

A exposição de uma torcedora em específico, trouxe ainda mais polêmica para a situação. Vários jornalistas esportivos comentaram, até o fim daquela Copa, os acontecimentos e posteriores desdobramentos, seja para o atleta, torcedores ou os clubes envolvidos. O caso, devido à repercussão, trouxe à tona um problema da sociedade brasileira em suas raízes históricas, a saber: o racismo no futebol.

Neste sentido, encontra-se o mérito da discussão e análise do evento na internet, um ambiente em que as pessoas expressam livremente suas ideias e visão de mundo. Compreende-se esse espaço virtual como privilegiado para investigação em representações sociais, uma vez que circulam conhecimentos, ideias e sentimentos sobre o cotidiano.

## 2.2 Coleta e análise dos dados

O material, que forma o corpus da pesquisa, foi retirado de um blog especializado no futebol brasileiro, após uma semana da ocorrência do evento. A cada dia, o número de internautas crescia no envio de mensagens, chamando atenção para a grande evidência do fato. Neste contexto, em vários programas de debate esportivo, as manifestações dos jornalistas apontavam para a importância de combater o racismo na sociedade, sendo o futebol, um palco constante desse tipo de atitude. Muitos comentários de torcedores do clube, que poderiam ser penalizados, afirmavam que o caso tinha extrapolado limites.

De acordo com Palmonari & Cerrato (2011, p. 310), a noção de representação social permite explicar os fatores que unem as pessoas a um grupo ou a uma sociedade, fornecendo sentido coletivo de estarem juntos. Para os autores citados, com o objetivo de permanecerem unidas, as pessoas criam instituições e seguem regras que determinam suas crenças.

As representações sociais podem legitimar práticas coletivas, sentimentos de pertencimento e participação grupal. Tais elementos são fundamentais para as minorias assumirem as formas de enfrentamento, denúncia e luta por direitos na justiça. Quando ocorrem violências e violações de direitos com origem no racismo, se faz necessário romper com os significados do vitimismo, exagero desproporcional ou tolerância à livre expressão de ideias sobre a raça ou cor da pele.

## 3. Resultados e discussão

Os recortes nas falas ocorreram de forma integral, preservando a lógica na argumentação dos internautas. O critério de seleção foi a saturação dos dados, privilegiando a diversidade de ideias, as oposições de pensamento que tensionam o conflito. Na matéria apresentada pelo jornalista responsável pelo blog esportivo, havia vários argumentos em defesa da cidadania, dos direitos humanos, com clareza ao denunciar a perversidade dos atos racistas no ambiente profissional de atletas. Por outro lado, muitos comentários mantinham a tendência em situar o racismo como queixa exagerada, vitimismo ou discurso politicamente correto, naturalizando as atitudes dos torcedores no estádio de futebol.

Diante disso, buscou-se articular as falas com a Teoria das Representações Sociais, tendo em vista que essa abordagem em Psicologia Social assegura que práticas cotidianas são compartilhadas de tal maneira que orientam crenças e atitudes. Trata-se de “teorias socialmente criadas que se relacionam com a vida cotidiana, com as condutas e comunicações que ali se desenvolvem, e com a vida e a expressão dos grupos” (Jodelet, 2005, p. 40).

Neste estudo, foi notável, ao longo das falas, a repetição de um discurso que legitima o racismo como prática cultural aceita e normalizada. Ou seja, apesar da postura crítica e consciente do jornalista na redação da matéria e descrição do caso, a maioria dos internautas estava em oposição ao jogador, defendendo de forma evidente as agressões verbais, como se fossem parte do jogo. O material empírico coletado indica que o racismo não foi reconhecido em suas origens, muito menos como produto de relações sociais desiguais, que atingem a todos, de forma direta ou indireta.

### 3.1 Racismo: atribuição de papéis e responsabilidades

Nesta categoria, as falas indicam que os internautas compreendem o racismo a partir de uma perspectiva atenua o incidente, tendo como um dos fundamentos a noção de que os negros brasileiros teriam uma formação cultural inferior aos negros norte-americanos. Além disso, o conteúdo traz à tona que os negros teriam dificuldades com a identidade racial, tenderiam a reclamar de situações consideradas normais ou pequenas para tanto alarde. Ou seja, os comentários caminham para um discurso focado na figura dos

negros, como se eles fossem as figuras responsáveis pelo sofrimento vivido em casos de racismo. De fato, neste âmbito da discussão, os comentários se ocupam em encontrar formas de culpabilizar as atitudes dos negros para a perpetuação dos problemas sociais relacionados ao racismo.

“O país é preconceituoso, somos ofendidos em todos os Estados pelas torcidas e não vemos esta mesma reação. A propósito o torcedor afrodescendente que também falou a mesma coisa também é racista ou é uma ideia incutida pelo opressor no oprimido por séculos”?

“O mesmo goleiro falou no Fantástico que todo lugar que ele vai ele sofre preconceito, ou seja, o racismo está em todo lugar, até mesmo entre os negros, afinal a maioria deles se casam com loiras...”

“O Pelé acha normal ser chamado de macaco e porque ele não passa de um negro racista.”

“O próprio torcedor do time é preto e gorducho e ficou lá imitando sons de macaco, e vai ser punido também? Ele até lembra o macaco do filme.”

“Tempestade em copo d'água... São simplesmente para desestabilizar o adversário. Se vamos partir para esse caminho então vamos prender milhares de pessoas.”

“A pessoa tem que ter maturidade suficiente para esse tipo de situação. Eu concordo e sou contra o racismo. Já namorei altas meninas morenas. E olha que elas são lindas. Mas no jogo acontece de tudo...isso é provocação. Faz parte... A cada dia que passa eu vejo que o Brasil não é um país de terceiro mundo e sim de quarto mundo.”

“Não foi um ato de racismo... É muita firula para pouca coisa. Que se limite a jogar bola de forma honesta, e leal para com o seu adversário. Fazer catimba, não é esporte. É mania de brasileiro que quer levar vantagem em tudo e não arcar com as consequências.”

Nesta categoria, percebe-se um olhar estereotipado que culpa a vítima pela própria condição. Esses atos não foram reconhecidos como passíveis de punição segundo a lei. O estudo das representações sociais, num contexto virtual como a internet, permite trazer à tona a forma de conhecimentos “espontâneos”, “ingênuos”, chamado “conhecimento do senso comum”, ou “pensamento natural”, em oposição ao pensamento científico, formal ou lógico-racional (Jovchelovitch, 2000).

É, neste sentido, que a autora se refere a esta abordagem como uma “fenomenologia dos saberes sociais” que nos permite visualizar aquilo que uma sociedade, uma comunidade ou instituição sabe sobre si mesma. Os internautas afirmam que a origem do racismo está nas relações entre os negros que “se casam com loiras” ou que “imitam macaco”, traduzindo um pensamento coletivo que aponta para a criminalização do negro diante do próprio racismo.

Ao associar a imagem do negro com as origens e consequências do próprio racismo, esse discurso contribui para a manutenção desse tipo de episódio. Contudo, afirma-se que a situação analisada, objeto deste estudo, não se trata de um saber social constituído em função do sensacionalismo, vitimismo ou exagero por grupos sociais excluídos. Afirmar que o acontecimento era “uma tempestade em copo d'água” foi uma postura recorrente entre os internautas, a fim de reduzir e simplificar um problema de grande complexidade e urgência.

A discussão merece ser ampliada em torno de suas contribuições para uma sociedade que seja capaz de reconhecer os reais fatores que produzem e validam o racismo dentro e fora do futebol. O problema aqui elencado está situado nas limitações que encontramos para colocar a constituição federal em prática, como instrumento jurídico de defesa e proteção legal.

### 3.2 Justificativas para a naturalização do racismo

Nesta categoria, os comentários dos internautas expressam uma série de justificativas para a ocorrência dos fatos narrados durante a partida. Na maior parte do conteúdo, é possível notar que temas associados à população dos negros são permeados por um tipo de depreciação ou rejeição, quando se trata de direitos ou avanços nas políticas públicas. Os internautas desviam o foco e situam a discussão em parâmetros que não estão contextualizados ao evento.

O racismo é naturalizado diante de uma retórica que questiona as Políticas de Ações Afirmativas. Essa política de Estado foi colocada em prática com muita resistência, discordância e oposição na sociedade brasileira. Quando o internauta relaciona essa política pública, que tem contribuído para a inclusão de negros no Ensino Superior, aos acontecimentos no jogo de futebol, é notório que mudanças de status, inclusão social e educacional da população negra trazem desconforto.

O discurso aponta que estaríamos convivendo com um Estado, em seu “sistema político”, racista, quando defende a inclusão e reparação de danos para a população negra. Por outro lado, em nenhum argumento os internautas apontaram o quanto essa população teve prejuízos históricos, difíceis de serem superados desde o fim da escravidão. Nesse caso, a defesa de um tipo de sociedade individualista, atomizada, sem memória coletiva, desprovida da ideia de que presente e passado têm conexão, prevalece nas reflexões dos internautas.

“Assunto que enche o saco, pura hipocrisia e considerando que este é um país naturalmente racista. O próprio sistema político é extremamente racista, concedendo cota para universitários negros e pobres. E se essa menina chamasse ironicamente este goleirinho (que por sinal, não joga bosta nenhuma) de alemão...qual seria a repercussão?”

“Não venha aplicar seu ideário... politicamente correto num evento gerador de todo tipo de emoção, que é uma partida num estádio... essa moça é uma cidadã que, levada pela emoção e pela multidão, proferiu ofensas, igualzinho todo mundo normal.”

“Então agora vou fazer o seguinte...se alguém me chamar de metido vou processar. Se alguém me chamar de gordo vou processar. Se alguém falar algo de mim vou processar. Isso é um absurdo... Jogo é jogo.”

“A partir de agora quem me chamar de branco ou similar será severamente punido. Eu sou eurodescendente.”

“É muita boca grande para muita mente pequena, mas, o que seria da mídia se não fossem essas bobearias?”

“Embora seja deplorável a atitude racista de alguns torcedores do Grêmio, esse não é, nem de longe, o pior problema no futebol e muito menos no Brasil.”

“Há várias coisas erradas nesse país e vão se importar com xingamentos no futebol? Hoje em dia não dá mais gosto de assistir futebol. Está muito chato. Jogadores, árbitros e jornalistas esportivos se acha a última cereja do bolo. O país vivendo uma recessão, políticos cada vez mais corruptos, bandidos à solta.”

“Receita para isso: Ignora ou dar risada...Pensar dói.”

Os internautas alegaram que não há necessidade de refletirmos sobre algo que sempre existiu, que faz parte da natureza humana, ou seja, sempre houve o domínio de uns sobre os outros, portanto, “pensar dói”. Soma-se a isso a ideia de que haveria uma igualdade natural entre os indivíduos, como se possuíssemos uma essência capaz de unificar nossas diferenças aparentes. Nesta lógica, deveríamos acreditar que a tonalidade da pele teria pouca interferência na vida em sociedade.

Chamou atenção, também, a recorrência de associar o racismo a uma ideia vaga e imprecisa do “politicamente correto”. Novamente, mudanças sociais que alteraram hierarquias históricas, relações desiguais de força e poder, são ridicularizadas, com teor de ironia ou desprezo. Ao colocar uma atuação contra o racismo, como uma manifestação “politicamente correta”, notamos o quanto os direitos e as conquistas são percebidos como retrocessos. Neste sentido, é como se a “vida tivesse ficado chata”, sendo “essas bobadeiras” coisa de “mente pequena”.

Essa retórica combativa ao “politicamente correto” foi massivamente expressa nas falas dos internautas, um problema atual da sociedade (o racismo) que precisa de avanços, foi colocado como um problema do passado, já superado com o fim da escravidão. Desta forma, a denúncia contra o racismo foi significada com “hipocrisia” de um atleta mediano, que precisa tolerar a livre expressão emocional de uma “cidadã e da multidão”, uma vez que há outros problemas: “bandidos à solta” e “recessão.”

Afirmamos que as representações sociais de um objeto de estudo contêm tanto a resistência à mudança, assim como as sementes da mudança e das rupturas. “A resistência à mudança se expressa pelo peso da história e pela tradição. Por sua vez, as sementes da mudança estão no meio essencial das representações, notadamente a conversação” (Jovchelovitch, 2000, p.41).

Compreende-se que, apesar da tendência à naturalização dos crimes raciais no país, pelo discurso da afirmação da branquitude e do combate ao “politicamente correto”, existem possibilidades de mudança. O debate que denuncia as arbitrariedades e disputas desiguais entre as classes sociais está em aberto. Nisso há muito mérito na atitude do atleta ofendido.

### 3.3 Vítima ou culpado?

Nesta categoria, foram destacadas as falas que indicam uma síntese da discussão levantada sobre os papéis dos personagens envolvidos nesta trama. O que está em pauta é o lugar social do atleta na opinião pública: como exemplo de conduta ética ou como sujeito que busca problematizar um fato que não merecia relevância no meio esportivo. Ao ler os argumentos a seguir, notamos a centralidade do problema na personalidade e no histórico do atleta.

Os internautas comentaram que o atleta apresenta uma personalidade que busca ascensão pelo sensacionalismo e não pelo desempenho em campo. Trazem situações do passado do jogador, quando ele atuava em outro clube de futebol, com a intenção de desqualificar a denúncia. Há vários comentários que saem em defesa da torcedora que foi filmada proferindo xingamentos ao atleta.

“Se não quer ser xingado não seja goleiro, pois faz parte da emoção do futebol o xingamento. Totalmente desproporcional a atitude desse goleiro.”

“Na época que ele jogava na Ponte Preta e tinha que escutar a torcida da "macaca" cantando suas músicas de cunho racista né? ah...lá ele não se importava, era a torcida do time dele, e neste caso não se considera racismo.”

“Este goleirinho aí quer mesmo é atenção e fama, pois é um goleiro fraco e todos precisamos e devemos perdoar as pessoas, ele quer mesmo é atenção.”

“No dia a dia dela, fica claro que ela não é racista; é frequentadora de roda de samba e tem amigos e ex-namorados negros.”

“Ela é mesmo racista, discrimina os negros, ou trata-se apenas de uma provocação ocasional num jogo de futebol? Se isso for crime e o famoso juiz ladrão, como fica? Podemos acusar alguém de ser ladrão sem provas?”

“Ele achar que as pessoas não falaram bom dia para ele por causa de sua cor, o preconceito está nele.”

“O coitadismo no Brasil está demais. Vão chorar também...? Quem foi a vítima, foi a menina, filmada em quadro inteiro e que faz parte do contexto social brasileiro.”

“Cinquenta anos atrás e isso acontecia a todo momento... e não havia toda essa sensibilidade... não significa que as pessoas que estão proferindo esse tipo de palavra sejam racistas... alguém efetivamente acreditou que o jogador ficou magoado? Chega dessa hipocrisia”.

“Prisão ela não merece. Aí já é demais, e vou explicar por que: nossas prisões são medievais... Higiene precária, violência, estupros. Prisão eu acho que já é demais. Ser processada, pagar indenização, multa, medidas socioeducativas, interditada no estádio etc. sim; prisão, não.”

O futebol é apresentado como uma modalidade esportiva carregada de emoções, sendo, portanto, difícil para os torcedores adotarem posturas razoáveis em meio à intensidade de uma partida de alto nível. Portanto, não haveria como esperar de uma torcedora nada além da ação incivilizada, por se tratar de um ambiente hostil ao rival. A denúncia foi significada como ato para chamar a atenção, querer se destacar com base em uma polêmica e ganhar fama.

Os internautas não incentivaram as medidas legais que foram tomadas pelo jogador, eles afirmaram que perdoar seria uma opção para evitar todo o desgaste posterior aos torcedores e ao clube rival. Foi notável que a discussão girava em torno de um ataque pessoal ao atleta ofendido, ele foi novamente hostilizado, ridicularizado como jogador mediano de baixo rendimento, que precisa de polêmicas para ser notado.

As falas, nesta categoria, indicam uma associação de imagens e ideias em direção a uma perspectiva reducionista, a discussão desloca a problemática para outra esfera temporal e contextual. Assim, os internautas atenuam a atitude da torcedora e, ao mesmo tempo, questionam as punições que estavam em curso. Enfim, nesta categoria é possível perceber que, ao tratarmos do assunto racismo ou injúria racial na esfera pública do espaço virtual, o lugar da vítima que procura exercer sua cidadania, tende a ser o de vilão.

O complexo de imagens que dá forma às representações sociais do racismo aponta mais para o esquecimento dos fatos, do que para os sentimentos de indignação e desejo de mudança social. Não foi atribuída significância e respeito à conduta do atleta. Em várias falas os internautas combatiam não apenas a tomada de decisão de acionar a lei, como também visavam depreciar o caráter, a honestidade e a competência do jogador.

### 3.4 Impotência e descumprimento da lei

Nesta categoria foram selecionados comentários dos internautas que discorrem sobre o caso específico de uma torcedora que proferiu ofensas verbais ao atleta, em meio à torcida. Ela foi identificada pelas câmeras de segurança e o atleta acionou a justiça, em busca de reparação e ressarcimento justo. Na maioria das falas citadas a seguir, é notável a articulação de uma retórica que situa a torcedora como vítima de um evento banal. O atleta estaria atuando com “mágoa no coração”, por buscar seus direitos. A exposição da torcedora na mídia e as consequências que ela teve em sua vida pessoal, na visão dos internautas, seriam suficientes enquanto punição.

Novamente observamos a noção de uma esfera pública corrompida pelo “jeitinho brasileiro” onde o cumprimento da legalidade seria exceção e não a regra para o convívio social. Essa noção fatalista e pessimista quanto ao funcionamento da justiça, uma vez que “pode tudo” nesse país traz, ainda, a perspectiva de normalização e aceitação dos fatos como se fossem inevitáveis. É a sensação de impotência que percebemos em vários recortes destas falas, por exemplo, no uso de termos como “perdoar”, “ter maturidade”, parar de “fazer firula”. Ou seja, não haveria motivos razoáveis para iniciar ou permanecer neste processo uma vez que o negro “é subjugado quase sempre sim”.

“Condenável o ato, porém essa é apenas uma que teve o azar de ter sido filmada fazendo isso, por ser bonitinha. E o bando de torcedores em volta. Impossível num estádio lotado o goleiro ter ouvido só ela gritando.”

“Enquanto mais o tempo passa mais tenho nojo deste país, país hipócrita! Esta menina errou sim, ela já pagou o suficiente! Como vencer o racismo com a arrogância e um coração cheio de mágoas como desse jogador? Ele perdeu uma oportunidade de mostrar que as pessoas negras são pessoas do bem. Sei que é difícil você ser visto por algumas pessoas como uma pessoa diferente, mas temos que ser maduros e sabermos o próprio valor, por que não perdoar? Ele é pior do que ela!”

“Estão fazendo tempestade em copo d'água e acirrando ainda mais os ânimos.”

“Não foi um ato de racismo. Muitas vezes (creio que este seja um dos casos) o ente que se diz agredido tanto provoca que acaba sendo merecedor de alguma exortação. Nada justifica o tema desta exortação, mas com certeza é melhor do que xingar a mãe dele. É muita firula para pouca coisa. Que se limite a jogar bola de forma honesta, e leal para com o seu adversário. Fazer catimba, não é esporte. É mania de brasileiros que quer levar vantagem em tudo e não arcar com as consequências.”

“Você pode atropelar alguém embriagado, agir com racismo, matar homossexual, praticar pequenos roubos ou caixa dois! Aqui tudo pode! Você pode desrespeitar a faixa e ainda xingar o pedestre.”

“Quando um caso como esse ocorre, muitos alegam que não foi racismo e sim injúria racial, descaracterizando o crime como inafiançável. Na minha opinião, a única solução para encerrar com a polêmica seria caracterizar a situação como ofensa à dignidade da pessoa humana.”

“Primeiro, existe preconceito, e muito no Brasil. Esse preconceito é tanto sobre negros quanto sobre pobres. Se for negro e rico, você passa a ser aceito em certos ambientes e camadas sociais. Agora preto e pobre é subjugado quase sempre sim.”

Os internautas compreendiam que a atitude de denúncia do atleta foi desproporcional, mesmo sendo alvo de ataques racistas, categorizados como injúria racial ao longo do processo. Notamos várias justificativas em defesa da torcedora e em oposição ao jogador. Foi evidente que, na opinião pública, prevalecia um conjunto de significados sobre o evento que associava as ações dos torcedores ao estado emocional, banalizando os gestos ofensivos e, ao mesmo tempo, desqualificando as possíveis consequências para o clube envolvido. Neste sentido, cabe compreendermos que “corrupção, saques, pobreza, guerras nas ruas, crise moral e uma sociedade corrupta: tais noções se unem para representar as relações que ocorrem em espaços públicos” (Jovchelovitch, 2000, p. 103). A autora citada ainda argumenta que:

[...] essas representações negam a ideia da vida pública, já que a corrupção e o suborno repousam na ausência de limites [...] seja na forma de desconhecimento da lei ou na forma de padrões de conduta social. Por outro lado, elas transformam a própria ideia de espaço público [...]. Aqui temos um conjunto de representações que definem o espaço público como terra de ninguém.

Os internautas compreenderam o racismo como gesto “mal-educado”, “ofensa à dignidade humana”, afirmando que a torcedora tem amigos negros e, portanto, não seria racista. Há vários outros exemplos de atos racistas no contexto público e nas redes sociais que, no máximo, são registrados como injúrias raciais. Esse tipo de classificação jurídica abranda a punição que, raramente, gera a prisão.

### 3.5 Rompendo com o silêncio

Nesta categoria, as falas selecionadas apresentam um posicionamento que ocorreu em menor proporção na participação dos internautas. Houve maior recorrência a conhecimentos jurídicos e citação de artigos constitucionais que poderiam embasar a defesa de direitos. Neste momento, podemos observar que os temas não estão focados na personalidade do atleta, numa visão acusatória e individualista. Pelo contrário, houve considerações sobre temas sensíveis para a comunidade negra, como a formação das novas gerações, a autoestima e o questionamento da normalização do racismo.

O que está em evidência é o reconhecimento de que as mudanças sociais podem ocorrer, apesar de todo o desgaste e sofrimento envolvido. Com efeito, essa categoria resgata possibilidades e aberturas para um diálogo racional, com embasamento em critérios que apontam para reparação de danos, para além da retórica de que estamos convivendo com uma população vitimista ou uma sociedade “politicamente correta”.

“Pela primeira vez ouço um atleta negro, conscientemente expor a realidade cruel do racismo nosso de cada dia, lembrou-se, daqueles que não são atletas e sofrem as consequências do racismo institucional e estrutural de nossa sociedade, que registra 400 anos de escravização e desumanidade. Que outros atletas negros tenham atitude.”

“O crime é de injúria qualificada por questão racial, o que é diferente do crime de racismo. Aplica-se o art. 140, §3º, do Código Penal, pena de 1 a 3 anos de reclusão, o que significa regime aberto, logo, não é caso de prisão crime é de injúria qualificada por questão racial, o que é diferente do crime de racismo. Aplica-se o art. 140, §3º, do Código Penal, pena de 1 a 3 anos de reclusão, o que significa regime aberto, logo, não é caso de prisão.”

“A melhor atitude... é de não perdoar mesmo, deixa ela sofrer as consequências de seus atos. O Brasil está virando um país cada vez pior devido à não execução das leis penais de forma exemplar.”

“Nunca devemos normatizar nenhum tipo de violência, com o argumento que sempre foi assim. Nunca devemos naturalizar nenhum tipo de violência. Nem hoje, nem nunca. Nada deve parecer impossível de mudar.”

“Não há de se confundir: gostar de pessoas e violência no desrespeito a pessoas. Gostar é opção, respeitar é regra de convivência social pacífica e humana. O argumento de fato isolado não se sustenta, pela reincidência do fato.”

“Segundo o direito brasileiro, houve no máximo, injúria racial ou injúria com agravante de racismo. A mesma constituição, diz que temos direito à liberdade de expressão e de pensamento, entretanto, temos e devemos sim, ser responsabilizados por aquilo que dizemos.”

“A ofensa racista não atinge só o jogador, mas todos aqueles que pertencem à mesma etnia. Imagina uma criança negra ... no estádio ao lado de seu pai, ouvindo insultos racistas. O que você acha que isso faz com a autoestima dela?”

As citações em destaque são exemplares para o reconhecimento do problema a ser enfrentado. O primeiro passo para que ocorram mudanças, em termos dos direitos à justiça e à cidadania, é a legitimidade atribuída aos acontecimentos, é a forma com que esse fato social é classificado, apropriado e comentado na opinião pública. É desta maneira que as representações sociais são formadas, no senso comum, como interpretações compartilhadas e consensuais sobre fatos e eventos.

[...] os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias. A mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição (Moscovici, 2007, p. 55).

Nesta categoria, os internautas usam uma linguagem que reforça a relevância da denúncia feita pelo atleta, como incentivo e modelo para outros profissionais que sofrem com violações de direitos, indo além do universo consensual que normaliza o racismo. Mesmo sendo pouco frequentes, essas falas no blog esportivo foram um contraponto ao argumento hegemônico, que acusava o atleta e amenizava as atitudes dos torcedores no decorrer da partida. Chama atenção que a atitude consciente do atleta deixou de ser rechaçada como alvo constante de questionamento, mas sim, colocada como crítica contundente na defesa de sua dignidade.

#### **4. Considerações finais**

Neste artigo foram destacadas várias falas que contemplam o episódio em que torcedores proferiram ofensas verbais a um jogador profissional de futebol da série A do campeonato brasileiro. Foram destacadas forças antagônicas, a saber: a banalização do racismo de um lado e, de outro, a postura indignada e de luta por direitos. Cabe ressaltar que o caráter inventivo das representações sociais permite um olhar apreciativo sobre as falas dos internautas, especialmente quando notamos um conhecimento que ampara o debate nos limites da lei, em artigos constitucionais que corroboram a defesa de direitos.

Segundo Jovchelovitch (2000), as falas são precisamente produtos de um processo contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, bem como, de ideias que se formam enquanto são faladas. Neste sentido, as representações sociais constroem e reconstroem a realidade oferecendo a possibilidade de novidade e de autonomia para

aquilo que ainda não existe, mas poderia existir. Uma leitura atenta das categorias de análise, permite a identificação de argumentos diversos que deslocam o objeto da reflexão, o racismo, para atitudes que julgam o atleta em sua tomada de decisão, uma limitação para a emergência da mudança.

Enfim, lidar com a situação rompendo o silêncio é assumir riscos. Calar-se e omitir-se é, portanto, uma opção que mantém as relações raciais como estão: hierárquicas e niveladas segundo valores vigentes. Caberia à população negra aceitar um lugar pré-determinado nessa sociedade? Será que o preconceito e o racismo são problemas que merecem devida atenção? Se para os negros que militam ativamente contra essas práticas a resposta é óbvia, para muitos brasileiros que não se sentem atingidos o tema permanece dispensável.

## Referências

- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 119-120, 2000.
- BRASIL. Código Brasileiro de Justiça Desportiva. São Paulo: IOB, 2010.
- CARVALHO, E. A.; PAULA, A. S.; WAIDEMAM, C. R. Consciência negra: papo crespo. *Nexus – Revista de Extensão do IFAM*, v. 2, n. 1, p. 47-52, 2016.
- GOÉS, J. R.; FLORENTINO, M. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 177-191, 2008.
- JOFFE, H. Degradação, desejo e o “outro”. In: ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, p. 109-148, 1988.
- JODELET, D. *Loucura e representações sociais*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIMA, M. E. O. O que há de novo no “novo” racismo do Brasil. *REPECULT – Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura*, v. 4, n. 7, p. 157-181, 2019.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. Sucesso social, branqueamento e racismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20, n. 1, p. 11–19, 2004.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.
- OLIVEIRA, F. de; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e "paparicação". *Educação em Revista*, v. 26, n. 2, p. 209–226, 2010.
- PALMONARI, A.; CERRATO, S. Representações sociais e psicologia social. In: ALMEIDA, A. M.; SANTOS, M. F.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Rio de Janeiro: Techno Politik, p. 305-332, 2011.
- PAULA, A. S.; CARVALHO, E. A.; KODATO, S. Preconceito e discriminação racial: representações sociais do negro no imaginário social. In: MOREIRA, R. M.; SILVA, M. L. S. (Orgs.). *Representações sociais e seus diversos olhares*. Curitiba: CRV, v. 2, p. 69-86, 2018.
- SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, p. 97-118, 2001.